



O Ensino da Guitarra em Grupo. Contexto, Reflexão e Abordagem

Group Guitar Teaching. Context, Reflection and Approach

Revista Portuguesa de Educação Artística,
Volume 12, N.º 1, 2022
DOI: 10.34639/rpea.v12i1.211
<https://rpea.madeira.gov.pt>

Paulo Jorge Rodrigues Costa Ramos

Instituto Politécnico do Porto – Escola Superior de Educação
pauloramos@ese.ipp.pt

RESUMO

Neste trabalho é apresentada uma reflexão sobre as práticas levadas a cabo nas aulas do ensino instrumental em grupo na formação de professores de educação musical, mais concretamente da guitarra, onde o intuito é aprender a tocar este instrumento enquanto ferramenta auxiliar para realizar acompanhamentos musicais.

Aplicada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, nos 1.º e 2.º anos do Curso de Educação Musical nas subunidades curriculares Guitarra I e II das unidades curriculares Prática Vocal e Instrumental II e III respetivamente, esta ferramenta pedagógica integra grupos de alunos com conhecimentos ao nível da formação musical e, maioritariamente, sem quaisquer conhecimentos ou formação neste instrumento.

Por conseguinte, com base na experiência adquirida, fica a descrição da abordagem do estudo da guitarra em grupo, onde o objetivo não é aferir o grau de eficiência em comparação com o ensino individual, mas sim refletir sobre a ação para promover e potenciar a aprendizagem individualizada neste contexto em concreto, concentrando os meios necessários para a sua operacionalização com material didático pensado e organizado.

Palavras-chave: Educação Musical; Ensino Superior de Música; Prática Instrumental em Grupo; Aprendizagem da Guitarra

ABSTRACT

This work presents a reflection on the practices carried out in group instrumental teaching classes in the training of music education teachers, more specifically the guitar, where the aim is to learn to play this instrument as an auxiliary tool to perform musical accompaniments.

Applied at the Escola Superior de Educação of the Instituto Politécnico do Porto, in the 1st and 2nd years of the Music Education Course in the curricular subunits Guitar I and II of the curricular units Vocal and Instrumental Practice II and III respectively, this pedagogical tool integrates groups of students with knowledge in terms of musical training and, mostly, without any knowledge or training in this instrument.

Therefore, based on the acquired experience, this is the description of the approach to studying the guitar in a group, where the objective is not to assess the degree of efficiency in comparison with individual teaching, but rather to reflect on the action to promote and enhance individualized learning in this specific context, concentrating the necessary means for its operation with thoughtful and organized didactic material.

Keywords: Musical Education; Higher Education of Music; Group Instrumental Practice; Guitar Learning

1. Introdução

Nas aulas de ensino instrumental em grupo, mais concretamente da guitarra, enquanto parte integrante do percurso formativo dos alunos do Curso de Educação Musical na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. O propósito é ensinar a tocar este instrumento enquanto ferramenta auxiliar para realizar acompanhamentos musicais, relacionados, principalmente, com o canto.

Este tipo de ensino implica a aprendizagem em conjunto e envolve um desafio diferente das aulas individuais, sendo necessário a adaptação das metodologias de ensino e materiais didáticos para o contexto em concreto, no sentido de proporcionar aos alunos a participação ativa em todas as atividades na sala de aula.

Na reflexão que será apresentada sobre a consecução do estudo da guitarra em aulas de grupo nesta Escola Superior, o objetivo não será aferir o grau de eficiência em comparação com o ensino individual deste instrumento em escolas do ensino especializado de música, cujo objetivo primordial é a formação de guitarristas enquanto solistas, mas sim refletir sobre a ação para promover e potenciar a aprendizagem individual dentro do grupo, no que respeita à técnica e musicalidade do guitarrista acompanhador.

Será, também, demonstrado o material didático utilizado nas aulas, pensado e organizado com o propósito de fornecer aos alunos uma ferramenta didática que concentra os conteúdos a abordar, o “Caderno de Apoio às Aulas”. A elaboração deste caderno não teve a intenção de produzir um método para a aprendizagem da Gui-

tarra para o contexto das aulas em grupo, mas sim a intenção de criar uma ferramenta didática com os conteúdos a abordar nestas aulas, tornando-se parte integrante dos meios e materiais necessários para a disciplina.

2. Contexto

O processo de aprendizagem da Guitarra, no 1.º e 2.º anos do Curso de Educação Musical da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, nas subunidades curriculares Guitarra I e II das unidades curriculares Prática Instrumental e Vocal II e III, é realizado em turma. O ensino instrumental em grupo é assim a ferramenta pedagógica usada para a consecução do processo de ensino e de aprendizagem deste instrumento.

O foco desta aprendizagem não será a guitarra enquanto solista e concertista, mas sim, como instrumento acompanhador. A utilização da guitarra, tendo em consideração a sua portabilidade e versatilidade e enquanto instrumento harmónico, pode vir a desempenhar um papel muito importante no futuro contexto de trabalho dos estudantes deste curso numa utilização performativa didática, tendo em vista a aplicação da voz acompanhada por este instrumento.

Estes alunos são, na sua maioria, jovens adultos com conhecimentos ao nível da formação musical que adquiriram nas escolas, academias ou conservatórios durante o seu percurso nos cursos básico e secundário nos mais diversos instrumentos, mas, maioritariamente, sem quaisquer noções ou formação sobre como tocar guitarra.

É assim dada formação ao nível do ensino su-

perior, para futuros professores de Educação Musical, para a utilização da guitarra como instrumento auxiliar para realizar acompanhamentos musicais, nomeadamente ao canto, assente num repertório diversificado.

3. Reflexão

O sistema das aulas de instrumento, que a maioria dos alunos deste curso frequentaram nos cursos básico e secundário, assenta no modelo das aulas individuais. De acordo com Burns, Bel e Traube (2017), neste modelo, o professor aplica um ensino diferenciado ao longo das aulas, adaptando-o de acordo com os conhecimentos e progresso de cada aluno. Assim, estes alunos beneficiaram das vantagens do acompanhamento individualizado e da adaptação do ritmo da aula direcionado para o rendimento de cada um. Neste modelo de ensino, o percurso de cada aluno é guiado por planos próprios, personalizados e organizados tendo em consideração os programas da disciplina, produzidos e estruturados pelos professores do departamento em cada escola. Desta forma estão definidos os objetivos, critérios e metas de aprendizagem para cada aluno e, apesar dos gostos e interesses diferentes, fica assegurada a definição dos conteúdos do conhecimento a adquirir pelos alunos, considerados fundamentais.

No que respeita ao desempenho do professor e à relação com o aluno em sala de aula neste contexto, Bjøntegaard (2015) exemplifica dois modelos de ensino mestre/aprendiz: (1) o modelo tradicional onde o professor tem todo o conhecimento e respostas enquanto o aluno se limita a

aprender; (2) um modelo professor/aluno baseado em diálogo em que o professor é o mentor, um orientador e guia da aprendizagem. Lehmann, Sloboda & Woody (2007) mencionam também estes dois modelos. No primeiro, referem a tendência de o aluno se tornar numa cópia do professor uma vez que este apenas se limita a transmitir o conhecimento. No segundo modelo, defendem que a função do professor é promover a troca de ideias e a autonomia do aluno, o que incrementa a motivação do próprio aluno.

Dependendo dos objetivos e das fases do trabalho, no sentido de procurar permanentemente as formas mais eficazes para transmitir o conhecimento e de manter o aluno motivado, estes dois modelos poderão ser aplicados em momentos diferentes da aula ou em aulas distintas, tendo sempre que possível em consideração a conciliação dos objetivos musicais do aluno com as metas de aprendizagem definidas pelo plano anual da disciplina.

No contexto do ensino instrumental em grupo, para além da adaptação a um novo instrumento musical, os alunos passam especialmente por uma fase de ambientação a uma nova prática na sala de aula, que implica, para além da compreensão dos conceitos e práticas, saber interagir com o professor e com o grupo.

Segundo Burns, Bel e Traube (2017), no contexto das aulas de grupo, a atenção do professor é partilhada por todos os alunos, mas há um ganho e benefício na interação com os colegas, uma vez que podem partilhar entre si o conhecimento e obter críticas às suas prestações, formando pequenos grupos de prática.

Algumas características podem ser observadas nesse contexto: 1) o aprendizado musical ocorre principalmente por meio da observação; 2) as dificuldades e as aptidões individuais são compartilhadas em grupo; 3) os estudantes podem participar do processo de formação uns dos outros; 4) a interação entre teoria e prática é trabalhada desde a iniciação musical; 5) o planejamento das aulas e ações é focado no progresso do grupo; 6) as capacidades de argumentação, questionamento e tomada de decisão são estimuladas. (Cruz & Nascimento, 2012: 10)

Enquanto professor de guitarra no ensino instrumental em grupo será necessário assumir um papel diferente na ação pedagógica das aulas individuais, tendo em consideração a maior complexidade e dinamismo que a gestão de um ambiente interativo exige. Moser & McKay (2005), referidos por Evans (2015), descrevem atitudes e formas positivas para criar um ambiente de aprendizagem construtivo na sala de aula, de entre as quais se destacam a necessidade da planificação das atividades, a liderança entusiástica, a criatividade ao idealizar desafios, a gestão do espaço individual, a paciência, a disponibilidade para ouvir, uma comunicação clara e a definição bem clarificada de limites. Assim, será essencial a adoção de uma postura que garanta o desenvolvimento do grupo, criando oportunidades de aprendizagem para todos, enquanto se assegura e supervisiona a evolução individual.

Sobre a organização de uma atividade em grupo, integrada por alunos que já tenham experiência musical, Evans (2015) refere que a procura de ideias sobre a planificação e sobre as estratégias a implementar, para que as aulas se desenvolvam sem dificuldades ou obstáculos, são essenciais. Os alunos deverão conseguir tocar desde o início da aprendizagem da guitarra e conseguir com-

preender o que é necessário preparar e praticar em casa até à próxima aula.

Feldman & Contzius (2016), definem a planificação como a definição de objetivos, de competências e da compreensão que o professor vai construir e o aluno vai aprender. Para estes autores, o foco deverá ser a categorização e organização da informação. Assim, ao elencar também nas planificações os exercícios, escalas, repertório e canções previstos no “Caderno de Apoio às Aulas”, ficam decididos os objetivos a atingir e criada uma continuidade entre conteúdos. Pretende-se assim que os alunos se envolvam mais no processo de aprendizagem e que, este envolvimento leve a um conhecimento mais aprofundado dos conteúdos e a um aumento da motivação individual.

Também sobre a necessidade da planificação e sobre a postura do professor na sala de aula, Tourinho preconiza que:

[O] planeamento prévio, disciplina e concentração também são pré-requisitos para o professor. A aula precisa de ser planeada, deve haver roteiro de apoio. Se experiente, o professor estrutura apenas tópicos, que são seguidos ou organizados de acordo com o desenrolar das atividades, mas a disciplina e a organização são fatores essenciais. A aula coletiva exige também grande concentração do professor, que precisa de estar atento a muitos estudantes simultaneamente (Tourinho, 2007: 3).

A dinâmica e desenvolvimento da aula deverão ser cuidadosamente pensados e estruturados: a organização da sala de aula e a disposição dos alunos, a planificação dos conteúdos e a sua abordagem e formas de resolver eventuais problemas, sejam eles de atitudes ou dificuldades evidenciadas por alguns alunos. “Em uma visão pessoal, acredito que a essência do ensino coletivo acontece quando existe um professor que

trabalha com diversos indivíduos no mesmo espaço físico, horário, e que várias pessoas aprendem conjuntamente a tocar a mesma peça” (Tourinho 2010: 86). A aula deverá ser organizada de forma que todos os alunos participem em toda a sua duração, podendo todos tocar em uníssono, em pequenos grupos ou individualmente. Nestas últimas duas modalidades, através da observação pelos colegas, o grupo é envolvido numa audiência participativa, assim como são esclarecidas dúvidas ou realizadas demonstrações de exemplos práticos dos exercícios ou do repertório.

Para facilitar a observação e a interação entre si e com o professor, os alunos deverão estar sentados em semicírculo com o professor situado sempre em frente, semelhante ao posicionamento de um maestro a dirigir um *ensemble*. Esta disposição permitirá, caso seja necessário, que o professor se movimente e chegue facilmente a todos os alunos em caso de dificuldades ou mesmo para elogiar o trabalho de algum aluno ou pequeno grupo.

A criação e estabelecimento de rotinas é também essencial para estabelecer um fio condutor que oriente o aluno ao longo das atividades. Este deverá refletir a prossecução da planificação e consequente dinâmica do desenvolvimento da aula, assegurando a consecução dos objetivos a atingir e a preparação da aula seguinte.

O primeiro passo a considerar na estruturação e estabelecimento de rotinas de cada aula será a afinação das guitarras: (1) inicialmente realizada pelo professor, esta tarefa passa a ser executada pelos alunos após a consolidação da postura e da posição das mãos, assim como, tenham adquirido as competências necessárias para domi-

narem a produção do som. A dinâmica da aula deverá prosseguir para os exercícios de articulação e independência: (2) nesta fase, além do aquecimento, será realizada a revisão e as correções necessárias dos aspetos relacionados com a postura ou com a posição das mãos. A seguir: (3) realizar a revisão dos conteúdos já trabalhados para aperfeiçoar, esclarecer ou resolver alguma dúvida ou dificuldade que persista. Por último: (4) proceder à apresentação dos conteúdos novos. Neste momento e sempre direcionado para o grupo, serão inicialmente demonstrados e explicados pelo professor e serão apresentados os exercícios que associam as atividades ao fim a que se destinam. Estes exercícios, que respeitam à técnica a aplicar no repertório que irá ser estudado, serão explicados individualmente junto a cada aluno mais pormenorizadamente, enquanto os colegas aguardam com atenção, observando o que o colega está a realizar. Os exercícios são executados a seguir pelo grupo, sendo realizadas as correções necessárias e esclarecidas as eventuais dúvidas que possam surgir.

Pintão (2013), ao mencionar Baker-Jordan (2003), refere um conjunto de considerações sobre esta modalidade de ensino: (1) o professor atua mais como um guia e mediador do que como uma autoridade máxima; (2) os alunos interagem uns com os outros, partilhando ideias, influenciando-se mutuamente; (3) os alunos observam-se e ouvem-se uns aos outros, adquirindo deste modo, novas formas de aprendizagem. Sousa concorda ao afirmar que “percebemos que, quando o professor assume a postura de mediador, essa relação se torna eficaz no processo de ensino e aprendizagem” (Sousa, 2022: 30). Para Tur-

ner (2004), referido por Rocha, defende que “o professor deve ser proactivo, gerindo a direcção e o progresso da aula com ideias claras sobre o que pretende alcançar e com a sua habilidade em partilhar essas ideias com o grupo” (Rocha, 2012: 33). Ao mencionar Harris & Davies (2009), Rocha defende também que “Para conseguir desenvolver verdadeiramente aulas de instrumento em grupo, é imperioso que o professor esteja consciente do perigo de transformar o ensino de instrumento em grupo numa série de aulas individuais “empacotadas” no tempo de aula destinado ao grupo” (Rocha, 2012: 10).

A integração das aprendizagens colaborativa e individualizada em contextos específicos do processo de ensino-aprendizagem valorizam também a formação do aluno.

A respeito do trabalho colaborativo, o auxílio que os alunos prestam reciprocamente é supervisionado, mesmo quando são expostos e orientados os conteúdos previstos e realizadas observações atentas e necessárias ao trabalho do grupo. Bragamonte e Bragamonte defendem que “as aulas de Música se transformaram em um ambiente colaborativo, onde os alunos, com suas diferentes vivências musicais, tocam e aprendem uns com os outros e com o professor” (Bragamonte e Bragamonte, 2019: 174). A aprendizagem colaborativa, referida por Vlahopol (2016), deve ser um instrumento pedagógico que aponta a responsabilidade da aprendizagem para o aluno. O professor deve renunciar ao estatuto de dono do conhecimento absoluto e proporcionar conhecimento acessível e fácil de assimilar. Para Pujolás Maset (2001), este tipo de aprendizagem é um recurso ou estratégia que compreende a

diversidade dos alunos dentro da mesma turma, onde se privilegia uma aprendizagem personalizada que só será possível se conseguirmos que os alunos cooperem para aprender, afastando as aprendizagens individualista e competitiva.

Tendo em consideração o trabalho individual, é dada atenção ao desempenho de cada aluno, intercedendo caso seja necessária alguma instrução particular, como no caso da aprendizagem de conteúdos técnicos novos e é fornecido material didático para que o aluno possa trabalhar independentemente. No que respeita à abordagem da aprendizagem individual, Johnson & Johnson (1994) sugerem que o professor deverá também proporcionar um ambiente adequado, organizando a sala de forma a que os alunos não perturbem o trabalho uns dos outros; fornecer o material necessário para que o aluno possa trabalhar autonomamente; explicar a tarefa a realizar segundo critérios que todos compreendam e sejam exequíveis com sucesso; estar disponível para o esclarecimento de eventuais dúvidas; zelar pelo desempenho dos alunos, intervindo no caso de ser necessária alguma reorientação para a aprendizagem e conceder tempo para que os alunos possam avaliar em que medida conseguiram apreender os conteúdos propostos.

As atividades na sala de aula deverão ser desenvolvidas com vista à evolução homogénea do grupo, reconhecendo a importância de valorizar a individualidade de cada aluno, sempre com esforço e atenção para identificar se existe algum problema ou dificuldade e, caso se verifique, se é específico ou comum ao grupo. Estrategicamente, poderão ser criados momentos durante a aula em que cada aluno pode demonstrar individualmente o

que aprendeu, sendo incentivado a analisar a sua prestação assim como orientado para a resolução de eventuais problemas. Poderão também ser dados elogios para reforçar a autoestima e autoeficácia, transmitidas críticas positivas e construtivas que promovam a consciencialização, assim como todos serem incentivados à cooperação na concretização das tarefas propostas. Para além desta entreajuda, os alunos poderão também ser convidados a auxiliar os colegas que demonstram mais dificuldade(s), colocando assim em prática os seus conhecimentos e sistematizando processos já adquiridos.

Feldman & Contzius (2016) referem que o elogio enquanto reforço positivo é muito importante para os alunos, em detrimento do reforço negativo e do castigo que repulsam o estímulo mencionando elogios verbais, como comentários sobre o desempenho, hábitos de estudo, cooperação e demonstração de resultados positivos. Exemplificam também elogios não verbais como o sorriso, o piscar de olho, o polegar para cima e as reações a demonstrar aprovação e mencionam também os elogios ao grupo como estratégias de reforço positivo, como o destaque das conquistas do grupo ou o progresso no comportamento. Mencionam ainda os elogios verbais no que se refere a ações específicas em vez de ações gerais, que devem ser sinceros e referentes a esforços significativos e que devem ser também oportunos, pois alguns serão melhores em privado do que em público.

Mencionando o trabalho de Lemos (2010), Silva (2013) refere que, para aprender, a motivação é um motor essencial. Esta resulta numa melhor aprendizagem e desempenho, bem como em mais

confiança em si próprio e uma maior satisfação no trabalho realizado, razões pelas quais deve ser valorizada em contextos escolares. Um aluno motivado aprende melhor e é mais ativo no processo de aprendizagem, enquanto, pelo contrário, um aluno desmotivado torna-se passivo, evita os desafios e desiste mais facilmente.

Para que os alunos possam assimilar os conteúdos lecionados e consolidar as competências técnicas e musicais adquiridas, torna-se necessário dedicar tempo específico para tal durante as aulas. Assim, será importante fazer a gestão do desenvolvimento técnico e musical individual, respeitando a velocidade de aprendizagem de cada um sem retardar os que mais sabem ou os que aprendem mais depressa e, também, sem deixar desapeados e sozinhos os que têm um ritmo de aprendizagem mais lento ou que faltaram a aulas anteriores.

O atendimento ao aluno, em forma de tutoria, poderá também revelar-se uma estratégia muito eficaz, pois, com a dedicação e atenção exclusivas do professor, serão demonstrados novamente os conteúdos onde se verificam as dificuldades e reforçado ao aluno um caminho adequado para que ele mesmo as possa resolver e ultrapassar.

Com vista à evolução da autonomia, segundo Sousa, com o desenvolvimento da autorregulação da aprendizagem “o violonista consegue ter consciência dos mecanismos trabalhados e otimiza seu aprendizado” (Sousa, 2022: 27). Assim, o estudo individual em casa deverá ser fortemente incentivado, enquanto determinante na prática e consolidação dos conteúdos abordados na aula e na progressão individual. Os alunos deverão ser incentivados a estudar regularmente, tendo em

4. Abordagem

consideração as indicações do professor e com a calma necessária de acordo com os conteúdos e objetivos, replicando com bastante atenção a dinâmica e a rotina das aulas, de modo a evitar eventuais erros que possam fazer.

Em suma, o processo de ensino e aprendizagem, assim como a prática pedagógica, afetos ao ensino individual e em grupo são diferentes, pois é essencial ter em atenção as especificidades dos grupos de trabalho e respetivo contexto. Os principais fatores negativos evidenciados são as diferenças entre todos os alunos, nomeadamente no que respeita às competências, dificuldades e velocidade de aprendizagem e a obrigação do professor dividir a atenção com todos. Como principal vantagem, destaca-se a aprendizagem através das relações de entreajuda e de auxílio que se geram entre os alunos na sala de aula, que ultrapassam a relação entre aluno e professor ao “acreditar que todos aprendem com todos” (Tourinho, 2007: 3).

Foram focados o modelo de ensino, o perfil dos alunos, as planificações, a estrutura e o funcionamento das aulas, a aquisição de competências, as estratégias utilizadas e o desenvolvimento e autonomia dos alunos. As atividades são realizadas num contexto organizado e dinâmico, na busca da promoção de uma formação adequada e do desenvolvimento das turmas.

Com vista ao sucesso, estão previstas oportunidades de aprendizagem ativas e participativas para todos os alunos, ao mesmo tempo que a evolução individual é assegurada e supervisionada.

De acordo com a estrutura e plano curricular do curso, a subunidade curricular Guitarra I é lecionada no 2.º semestre do 1.º ano do curso. A turma é dividida em dois grupos e, ao longo de cerca de 15 aulas, é lecionada, separadamente a cada grupo, uma aula semanal de uma hora e 30 minutos. Nesta fase de iniciação ao instrumento é importante trabalhar com grupos mais pequenos, pois reforça o desenvolvimento do trabalho permitindo o contacto mais próximo com os alunos durante o tempo da aula, tornando-a mais produtiva. Os objetivos a atingir neste semestre são: (1) Interpretar um repertório básico na guitarra, utilizando melodias populares e outras; e (2) Conhecer e aplicar os fundamentos básicos da voz e da guitarra, tendo em vista a sua utilização performativa pessoal e didática.

A subunidade curricular Guitarra II, é lecionada ao longo do 1.º semestre do 2.º ano e estão também previstas cerca de 15 aulas. Neste semestre a aula semanal tem a duração de duas horas e a turma já não é dividida. Uma vez que os alunos já adquiriram os conhecimentos que lhes conferem autonomia, é possível o desenvolvimento do trabalho com um grupo mais alargado. Os objetivos a atingir têm procedência do semestre anterior: (1) Ampliar competências básicas já adquiridas; (2) Auto acompanhar-se num conjunto de canções; e (3) Ler e harmonizar, à primeira vista.

Tendo em consideração os objetivos enunciados e os conteúdos e competências a adquirir, o “Caderno de Apoio às Aulas” foi sendo criado tendo como ponto de partida o material didático deixado pelos professores anteriormente respon-

sáveis por estas subunidades curriculares, António Andrade e Gustavo Brandão.

O processo de elaboração e organização deste trabalho iniciou-se de forma intuitiva, com base na minha experiência pedagógica e na exploração do repertório já existente. Baseado na observação direta no contexto da sala de aula, foi sendo necessário proceder a alterações, assim como acrescentar novos exercícios e repertório ao longo dos anos letivos, sempre à procura da eficácia do processo de ensino e aprendizagem e do sucesso dos alunos no tempo letivo previsto.

Este caderno constitui-se num recurso que organiza e concentra os conteúdos necessários, indicando possibilidades de trabalho técnico e de repertório para os alunos nas aulas e em casa. Com a realização de uma abordagem prática e eficaz no que respeita ao conhecimento das diversas componentes do instrumento, à adoção de uma postura natural que optimize a colocação e a coordenação das mãos, à obtenção de boa qualidade sonora, à aquisição dos procedimentos elementares da técnica guitarrista, ao desenvolvimento da leitura, do sentido rítmico e da pulsação, à afinação, à exploração tímbrica e ao desenvolvimento da criatividade, da autonomia e do espírito crítico, é assim facultado o acesso a material didático.

Expressos na notação musical tradicional, a leitura dos conteúdos pressupõe conhecimentos

ao nível da leitura musical. Estão organizados em secções que reúnem exercícios técnicos, escalas, melodias tradicionais, infantis e populares, repertório da guitarra clássica e arranjos e transcrições para guitarra solo. Também estão apontadas e referenciadas dedilhações, que refletem os aspetos idiomáticos da guitarra. Ao compreender e desenvolver uma lógica sequencial de dedilhações, são proporcionadas referências aos alunos para que desenvolvam conscientemente uma autonomia técnica e musical.

Para a subunidade curricular Guitarra I, os conteúdos deste Caderno estão organizados da seguinte forma:

- a) *Apresentação da guitarra, postura corporal e colocação das mãos*

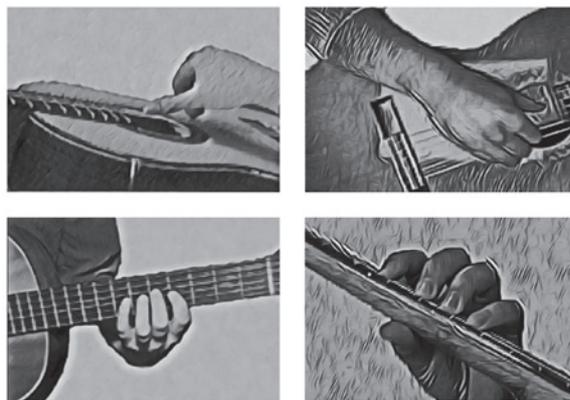


Figura 1 – Exemplo de posição e colocação das mãos

- b) *Produção de som e exercícios para independência das mãos*



Figura 2 – Exemplo de exercício em pulsação com apoio para a mão direita



Figura 3 – Exemplo de exercício para independência das mãos e entre dedos

c) *Leitura e execução das notas na posição I da 1.^a à 3.^a cordas*



Figura 4 – Notas na posição I nas 1.^a, 2.^a e 3.^a cordas

d) *Execução de melodias sem acompanhamento*



Figura 5 – Exemplo de melodias tradicionais e infantis

e) *Produção de som com o polegar*

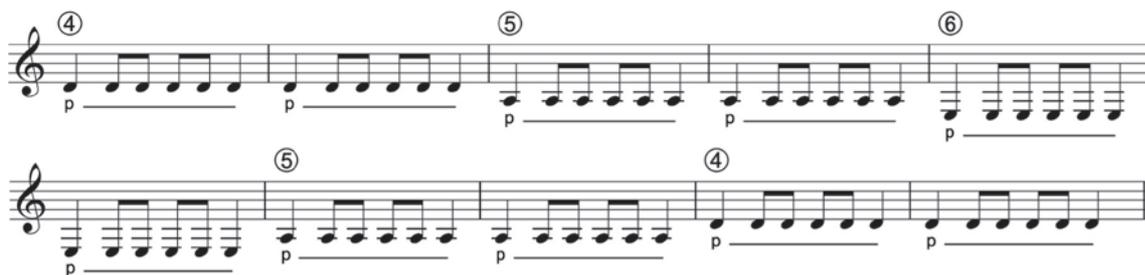


Figura 6 – Exemplo de exercício para produção de som com o polegar direito

f) *Leitura e execução das notas na posição I da 4.^a à 6.^a cordas*



Figura 7 – Notas na posição I nas 4.^a, 5.^a e 6.^a cordas

g) *Produção de som em pulsação sem apoio*

Two staves of musical notation. The first staff contains six measures of rhythmic patterns with notes and rests, alternating between 'c/apoio' and 's/apoio'. The second staff contains four measures of similar patterns.

Figura 8 – Exemplo de exercício em pulsação sem apoio para a mão direita

h) *Escalas com extensão de uma oitava*

Fá maior

A single staff of musical notation showing a scale in F major. The scale is written with fingerings (1-3, 3-1, 3-0, 1) and a box around the key signature 'Fá maior'.

Figura 9 – Exemplo de escala com uma oitava

i) *Abordagem à afinação da guitarra*

A single staff of musical notation showing a sequence of chords for guitar tuning. The chords are labeled with Roman numerals (V, 0, V, 0, V, 0, IV, 0, V, 0) and fingerings (6, 5, 5, 4, 4, 3, 3, 2, 2, 1).

Figura 10 – Exemplo de possibilidade de afinação por uníssonos

j) *Repertório*

Lição 1
(Método Completo de Guitarra)

Antonio Cano
(1811-1897)
rev. e digit. Paulo Ramos

A single staff of musical notation showing a melody with accompaniment, notes in simultaneous, and arpeggios of six chords. The tempo is marked 'Andantino'.

Andantino
(Método)

Mateo Carcassi
(1792-1853)
rev. e digit. Paulo Ramos

Figura 11 – Excertos de repertório (melodia acompanhada, notas em simultâneo e arpejos de seis sons)

k) *Acordes em forma aberta e progressões harmônicas*

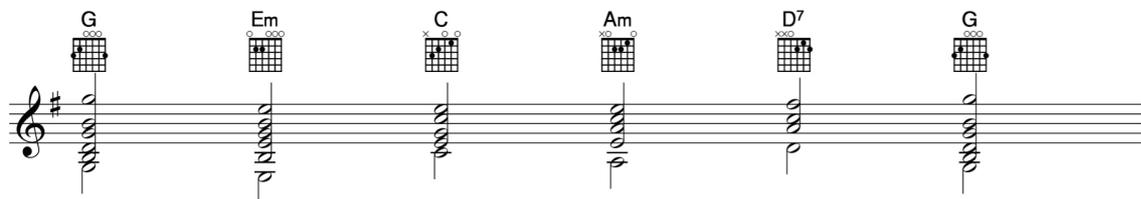


Figura 12 – Exemplo de progressão harmônica

l) *Padrões rítmicos para acompanhamento*



Figura 13 – Exemplo de padrões rítmicos (dedilhados e rasgueados)

m) *Canções*

Que Linda Falua

Canção Infantil
arr. António Andrade

Voz

Que lin - da fa - lu - a que lá vem lá

Guitarra

Ó rama ó que linda rama

Tradicional: Alentejo
arr. Paulo Ramos

Voz

Ó ra - ma ó que lin - da ra - ma Ó ra - ma da o - li - vei - ra O
Eu Gos - to mui - to de ou - vir _____ Can - tar a quem a - pren - deu _____ Se'hou

Guitarra

p p p simile

Figura 14 – Excertos de canções tradicionais e infantis

No que respeita à subunidade curricular Guitarra II, o Caderno tem organizados os seguintes conteúdos:

a) *Escalas com extensão de duas oitavas e de Mi Cromática de três oitavas*

Ré maior

Mi cromática

Figura 15 – Exemplo de escalas

b) *Ligados técnicos de mão esquerda e repertório*

Ascendentes

Descendentes

Estudo
(Op.39 nº15 - Moderato)

Anton Diabelli
(1781-1858)
rev. e digit. Paulo Ramos

Figura 16 – Exemplo de exercícios e repertório com ligados técnicos

c) *Acordes com utilização de barras*

Figura 17 – Exemplo de acordes com a fundamental nas 6.^a e 5.^a cordas

d) *Progressões harmônicas com acordes com barras*

Figura 18 – Exemplo de progressão harmônica

e) *Padrões rítmicos para acompanhamento (dedilhados e rasgueados)*

Figura 19 – Exemplo de padrões rítmicos (dedilhados e rasgueados)

f) *Abordagem aos powerchords de dois e três sons*

Figura 20 – Exemplo de progressão harmônica com *powerchords* de três sons

g) *Repertório*

Estudo
(em Mi menor)

Francisco Tárrega (1852-1909)
rev. e digit. Paulo Ramos

C II (5 cordas)

Minueto
da Suite em Sol maior
Livro de Guitarra dedicado ao Rei. 1682

Robert de Visée
(1650-1725)
rev. e digit. Paulo Ramos

C II

Yesterday

J. Lennon, P. McCartney
arr. Paulo Ramos

Figura 21 – Excertos de repertório (arranjos e transcrições)

h) *Canções*

Queda do Império
(2ª versão)

Vitorino
arr. Gustavo Brandão

Voz

C G Am Am7 F E Am G

Guitarra

All Off Me

Simons & Marks
arr. Paulo Ramos

Voice

All of me _____ Why not take all of me _____

Guitar

Figura 22 – Excertos de canções

Maria Faia

José Afonso

arr. António Andrade

Am E Am Am E

Voz

Eu não sei co-mo te cha-mas ó
-vo não que tu és Ro-sa ó

Guitarra

Am E Am E

i a m i a m i a m i a m i a m i a m

p| p| p| p| p| p| p|

Minha casinha

letra: João Silva Tavares

música: António Melo

arr. Paulo Ramos

Voz

Que sau - da-des eu já tinha da mi - nha'a-le - gre ca - sinha tão mo - des - ta co - mo eu
De ma - nhã sal - to cama e ao som dos pregões de'Al fama tra - to de me le - van - tar

Gtr

G G/F# F E7 E7/B Am

i m a i m a i m a i m a i m a

p| p| p| p| simile

Figura 23 – Excertos de canções (continuação)

i) Harmonizações

A Machadinha

Tradicional

Ah, ah, ah, mi-nha ma - cha - di - nha, Ah, ah, ah, mi-nha ma - cha - di - nha, Quem te pôs a

Oliveira da Serra

Tradicional

Ó o - li - vei - ra da ser - ra, O ven-to le - va'a flor____ Ó i ó ai, só a
Ó o - li - vei - ra da ser - ra, O ven-to le - va'a rama-da Ó i ó ai, só a

Meninas, Vamos ao Vira

Tradicional

Me - ni - nas va-mos ao vi - ra, Ai, que'o vi - ra é coi-sa bo - a Eu já vi dan-çar o
Me - ni - nas va-mos ao vi - ra, Ai, que'o vi - ra é coi-sa lin-da Eu já vi dan-çar o
Me - ni - nas va-mos ao vi - ra, Ai, que'o vi - ra é coi-sa be-la Eu já vi dan-çar o

Figura 24 – Excertos de melodias para harmonizações à 1.ª vista

Pensado e estruturado para concentrar os conteúdos necessários com vista à aquisição das competências para a execução da guitarra enquanto instrumento de acompanhamento, o “Caderno de Apoio às Aulas” contém ainda mais repertório do que o efetivamente trabalhado durante os dois semestres, assim como fontes e referências para os alunos que tenham mais interesse em evoluir e aprofundar os conhecimentos adquiridos.

5. Conclusões

O ensino coletivo de violão proporciona o desenvolvimento de experiências musicais colaborativas e autonomia dos alunos em suas aprendizagens, desafiando o educador musical na criação de propostas criativas para a mediação das aprendizagens de seus alunos (Bragamonte e Bragamonte, 2019: 170).

A realização deste trabalho constituiu uma mais-valia no que respeita à análise e reflexão aprofundadas sobre a prática profissional enquanto professor de aulas de instrumento em grupo, articulando e definindo de forma mais consciente a identidade que tem vindo a ser construída ao longo do percurso profissional.

Foram abordados aspetos relacionados com a prática desenvolvida, focando os programas, as planificações, o perfil dos alunos, o desenvolvimento das competências técnicas e interpretativas, a motivação e a autonomia. A perspetiva sobre o processo de ensino-aprendizagem é caracterizada por uma constante procura de estratégias, de reforço positivo e de informação assertiva. Com uma postura sempre aberta e a procurar aprender com a experiência, é possível proporcionar mais oportunidades no sentido de enriquecer a

aprendizagem instrumental.

O “Caderno de Apoio às Aulas” constitui-se numa ferramenta que está orientada para a compreensão de conceitos e princípios da execução guitarrista, disponibilizando os recursos para construírem o próprio conhecimento, pretendendo ajudar a garantir a aprendizagem a todos os alunos e contribuir para o seu progresso e autonomia. Compila e sistematiza os conteúdos das subunidades curriculares Guitarra I e II para alunos já com conhecimentos musicais, disponibilizando-lhes material para utilizar nas aulas, estudar em casa e até aprofundar ou desenvolver a sua prática, se for essa a vontade no final dos dois semestres.

As aulas de instrumento em grupo deverão ser uma experiência positiva e eficiente para todos os alunos, pois, o domínio da execução da guitarra em articulação com os conhecimentos adquiridos nas demais subunidades e unidades curriculares do curso, ajudam a estabelecer um plano para a compreensão, para a aplicação prática das competências e para a fruição da música.

Referências Bibliográficas

- Agüado, D. (1843). *Nuovo Método para Guitarra*. Madrid: n. d.
- Bjøntegaard, B. (2015). “A combination of one-to-one teaching and small group teaching in higher music education in Norway – a good model for teaching?” em *British Journal of Music Education*, 32, 23-36.
- Bragamonte, H. S., & Bragamonte, L. de A. (2019). “Ensino Coletivo de Violão: um relato de experiência sobre o ensino da música no currículo das turmas de Anos Iniciais” em *Plurais – Revista Multidisciplinar*, 4 (2), 169-179.

- Burns, A.-M., Bel, S., Traube, C. (2017). Learning to play the guitar at the age of interactive and collaborative Web technologies. [Apresentação] em *14th Sound and Music Computing Conference*, Espoo, Finlândia. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/319244616_Learning_to_play_the_guitar_at_the_age_of_interactive_and_collaborative_web_technologies.
- Cano, A. (1867). *Metodo Completo de Guitarra com um Tratado de Armonia*. Madrid: Antonio Romero.
- Carcassi, M. (1853). *New and improved Method for the Guitar*. Boston: Oliver Ditson & Company.
- Carulli, F. (ca.1825). *Méthode Complete pour Guitare, Op. 241*. Paris: Launer.
- Cruz, F. A. M. G., Nascimento, M. A. T. (2022). “Ensino coletivo de instrumento musical e a (re)invenção do(s) cotidiano(s)” em *Educação em Foco*, 27 (1), 1-23.
- Diabelli, A. (1814). *Sehr Leichte Stücke für die Guitare, Op. 39*. Wien: S. A. Steiner.
- Evans, J. (2015). “Continuing pupils’ experiences of singing and instrumental learning from Key Stage 2 to Key Stage 3” em J. Evans & C. Philpott, *A practical guide to teaching music in the secondary school*. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 74-81.
- Feldman, E. & Contzius, A. (2016). *Instrumental Music Education – Teaching with the Musical and Practical in Harmony*. New York: Routledge.
- Giacometti, M. (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Johnson, D. & Johnson R. (1994). *Learning Together and Alone. Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning*. Massachusetts: Allyn and Bacon.
- Lehmann, A. C., Sloboda, J. A. & Woody, R. H. (2007). *Psychology for Musicians: Understanding and Acquiring the Skills*. Oxford: Oxford University Press.
- Pintão, R. (2013). *O Ensino de Piano em Grupo para uma nova Literacia Musical. Impactos de um Projeto de Investigação-Ação numa Escola Pública* [Tese de Doutoramento]. Braga: Universidade do Minho. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/40416>.
- Pujolàs Maset: (2001). *Atención a la diversidad y aprendizaje cooperativo en la educación obligatoria*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Rampinelli, T. L. & Vetromilla, C. D. (2019). “Inicição ao violão através de práticas musicais coletivas: aspectos para a produção de arranjos didáticos” em *Orfeu*, 4 (1), 101-119.
- Ribeiro, A. J. P. & Vieira, M. H. G. (2011). “O ensino da guitarra em grupo no âmbito do ensino vocacional e genérico da música: alguns resultados de um projeto de investigação-ação” em A. Barca Lozano, M. Peralbo Uzquiano, A. Porto Riobóo, J. C., Brenlla Blanco, B. D. da Silva & L. S. Almeida (org.), *Libro de Atas do XI Congreso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía* (pp. 2661-2672). Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación, Universidade da Coruña e Universidade do Minho.
- Rocha, E. (2012). *O ensino de piano em grupo: contributos para uma metodologia da aula de piano em grupo no Ensino Vocacional da Música para os 1º e 2º graus* [Tese de Mestrado]. Porto: Universidade Católica Portuguesa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.14/12082>.
- Sagreras, J. (1967). *Le Prime Lezioni di Chitarra*. Ancona: Edizioni Bérben.
- Silva, A. (2013). *(Des)Construindo percursos: estudo de metodologias alternativas no ensino da guitarra* [Tese de Mestrado]. Porto: Universidade Católica Portuguesa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.14/13865>.
- Soares, O. (1962). *A Escola de Tárrega: Método Completo de Violão*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale.
- Sor, F. (1837). *Introduction à l’Étude de la Guitare, Op. 60*. Paris: n. d.
- Sousa, J. M. (2022). *Orquestra de Violões da Paraíba: Perspectivas sobre a Formação Docente* (Tese de Doutoramento) Universidade Federal da Paraíba. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24899>.
- Strizich, R. (2005). *Robert De Visée: Oeuvres Complètes Pour Guitare*. Paris: Éditions Heugel
- Tourinho, C. (2007). “Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história” [Apresentação] em *XVI Encontro Nacional da ABEM e no Congresso Regional da ISME*, América Latina, Campo Grande. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/49032512/Ensino-Coletivo-de-Instrumentos-Musicais-Ana->

Tourinho.

Tourinho, C. (2010). "Ensino coletivo de violão: princípios de estrutura e organização" em *Revista Espaço Intermediário*, I (11), 83-93.

Vlahopol, G. (2016). "Collaborative Learning – A possible approach of learning in the discipline of study musical analysis" em *Review of Artistic Education*, (11-12), 99-108.

